

**CONFRONTAÇÃO ENTRE RELATOS DE PERIÓDICOS E RELATOS ORAIS
NA CONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA DOS “BORBOLETAS AZUIS” DE
CAMPINA GRANDE (PB)**

Lidiane Cordeiro Rafael de Araújo
Doutoranda em Ciências Sociais – UFCG
lidiane_marne@hotmail.com

Em Campina Grande (PB), entre o final da década de 1970 e início de 1980 surgiu um movimento do tipo messiânico-milenarista que passou a ser conhecido como “Borboletas Azuis”. Este alcançou destaque nacional e até mundial devido à propagação de uma profecia que afirmavam ter recebido do próprio Jesus. Esta profecia falava da irrupção de um dilúvio que duraria 120 dias e que teria início no dia 13 de maio de 1980. A partir do anúncio desta profecia os seguidores do movimento transformaram inteiramente seu cotidiano.

Até então, as atividades realizadas na Casa de Caridade Jesus no Horto¹ se restringiam à prática da caridade e à cura do corpo e da alma através de sessões espíritas “bricoladas”² com elementos da tradição católica, nas quais os membros recebiam a incorporação de santos e padres, principalmente Padre Cícero Romão. Em peregrinações pelas ruas da cidade de Campina Grande e outras cidades do Estado da Paraíba o grupo anunciava o dilúvio profetizado por seu líder, Roldão Mangueira, convocando todos a se fazerem presente à Casa de Caridade Jesus no Horto para o arrependimento de seus pecados (única forma de escapar da futura catástrofe).

O acontecimento do dilúvio se daria, segundo eles, devido à falta de atenção e cumprimento aos preceitos do cristianismo primitivo.

Pudemos constatar, através de estudo realizado, a insatisfação dos adeptos do denominado “Borboletas Azuis” com o discurso dos sacerdotes da Igreja Católica Romana no presente e uma aspiração à revitalização dos costumes e práticas do cristianismo em sua versão católica primitiva, uma vez que as mudanças colocadas em vigor pelas deliberações do Concílio Vaticano II promoveram mudanças radicais na orientação e na prática de religiosos e fiéis desta religião, as quais foram fortemente rejeitadas pelo movimento campinense.

Durante o trabalho realizado acerca do movimento religioso dos “Borboletas Azuis”, a partir do cruzamento das memórias dos crentes do movimento com o conteúdo das fontes dos jornais e revistas identificamos uma “luta simbólica” (BOURDIEU 1990), ou nos termos de Chartier (1990), uma “luta de representação” entre a mídia e o movimento dos “Borboletas Azuis”. As informações obtidas das diversas fontes puderam, então, ser apreendidas, interpretadas e pôde-se perceber as continuidades e/ou descontinuidades existentes em relação ao movimento religioso dos “Borboletas Azuis” de Campina Grande.

Discurso oral e/ou documentos escritos (estes últimos, para muitos tidos, ainda, como “mais objetivos”), não são, pois, de forma alguma, tomados como verdades absolutas, onde o discurso oral precisasse do documento escrito para ter validade, ou vice-versa. De acordo com Hall (1992) essa é uma forma ingênua de trabalhar, visto que a história oral não é mais verdadeira que a própria história escrita, mas apenas uma história diferente, que apresenta problemáticas específicas. Cabe, pois ao pesquisador captá-las. No nosso caso nos possibilitou identificar as relações de poder que atravessam as representações construídas acerca do movimento dos “Borboletas Azuis”.

Deste modo, o recurso aos relatos orais assim como aos documentos escritos de época e sua confrontação foram imprescindíveis para que alargássemos os caminhos e possibilidades de análise e construção da trama histórico-social dos “Borboletas Azuis”.

As vestimentas peculiares que usavam, inclusive no cotidiano³, as procissões e o anúncio do dilúvio tiraram o movimento do anonimato. Sob a alcunha de “Borboletas Azuis” tornaram-se conhecidos, comentados e discutidos em toda Campina Grande. Como se diz na gíria, um “prato cheio” para a imprensa local. O movimento lhe forneceu matéria e aumentou a tiragem diária.

O fato é que grande parte da população de Campina Grande se indignou com este movimento religioso. Durante suas caminhadas de peregrinação não foram poucas as ocasiões em que o movimento foi insultado, ridicularizado e por vezes até agredido. Certo dia, quando de uma dessas caminhadas, o grupo de crentes se dirigiu às margens do Açude Velho, onde, costumeiramente, se reunia para rezar quando,

houve uma onda aí que o povo inventou. Disseram que eles iam passar no Açude Velho, mas foi conversa. Não tem as estátuas dos três poderes? [estátuas dos pioneiros às margens do açude velho] Pronto! Eles foram orar ali naquele canto. Aí foi a turma todinha, era umas 40 pessoas. Aí estavam tudo ali junto orando, aí o povo vinha passando e via aquele povo né? aí começaram a espalhar: os Borboletas Azuis vão passar na água do açude velho. Aí eu sei que a notícia se espalhou pela feira e chegou no centro da cidade. Aí a televisão Borborema desceu e fizeram a reportagem, filmaram aquele negócio todo. Mas a verdade é essa: que eles não iam passar na água não, estavam só orando, aí o povo tirou essa onda.⁴

O Sr. W. Silva⁵ a partir de um ato de enunciação, mesmo depois de muito tempo não fazer mais parte do movimento, procurou evidenciar sua verdade, a de que “(...) eles não iam passar na água não (...)”.

O discurso jornalístico, no entanto, declarava que, “o Sr. Roldão Mangueira, havia afirmado, há poucos dias, que iria atravessar o Açude andando sobre as águas” (Diário da Borborema, 26/09/1979), ajuntando pessoas às margens do açude velho para assistir o feito extraordinário do movimento,

propagado com sensacionalismo por uma emissora de rádio, a multidão iniciou um linchamento dos integrantes da seita, quando percebeu que a travessia das quietas águas não seria realizada. Pedras, paus e lama foram empregadas contra os ‘Borboletas’ que escaparam da agressão com o apoio da polícia (...) (NEGRÃO E CONSORTE, 1984:336).

A população já estava indignada com o modo de aquelas pessoas praticarem suas crenças. E essas prosas foram sendo divulgadas na cidade, cada qual procurando ajuntar um ou outro fato ou ato “extraordinário” atribuído ao grupo de crentes, de maneira que os “Borboletas Azuis” foram considerados como um movimento exótico e louco.

A imprensa local lança-se em violenta campanha contra o movimento, denunciando Roldão, ora como louco, ora como explorador da credulidade pública, e seus adeptos como fanáticos e ignorantes.

A esse respeito é importante observar o depoimento de época de Negrão e Consorte acerca do relacionamento da mídia para com o movimento dos “Borboletas Azuis”. Para eles,

As notícias sobre o grupo são revestidas de sensacionalismo, fatos são deturpados ou tendenciosamente apresentados. [Os jornais] anunciavam a construção de uma nova “arca de Noé” por parte dos adeptos, enquanto Roldão apenas armazenava gêneros alimentícios em sua Casa de Caridade. Afirmavam que Roldão pregava a abstinência sexual completa e a dissolução de casais, enquanto ele apenas condenava a sexualidade fora do casamento e sem finalidade de procriação. Divulgavam-se notícias segundo as quais chefes de família abandonavam mulheres e filhos para seguir Roldão, quando nenhum adepto residia na Casa de Caridade (NEGRÃO E CONSORTE, 1984:335).

E é com base nas notícias divulgada através da imprensa que a sociedade campinense vai aos poucos constituindo sua imagem a respeito dos “Borboletas Azuis”. A partir das caminhadas e de fatos como estes aqui relatados uma multiplicidade de discursos foi construída acerca do movimento.

Abordando a questão do poder a partir da noção de campo, considerando o campo do poder como um "campo de forças", para Bourdieu (1989) o campo de lutas pelo poder entre detentores de poderes diferentes é um espaço de jogo, onde agentes e instituições tendo em comum o fato de possuírem uma quantidade de capital específico (econômico ou cultural especialmente) suficiente para ocupar posições dominantes no seio de seus respectivos campos afrontam-se em estratégias destinadas a conservar ou a transformar essa relação de forças.

Uma comissão formada por professores, rotarianos⁶ e cursilhistas preocupados com o comportamento que a comunidade campinense estava manifestando para com os “Borboletas Azuis”, se reúne com a finalidade de discutir a respeito da necessidade das pessoas respeitarem o movimento. A preocupação demonstrada por essa comissão era a de que, se levados ao ridículo pela sociedade campinense, os “Borboletas Azuis”

poderiam chegar ao desespero. “Portanto, a zombaria pode ser a causa de um desastre em Campina Grande”⁷, diziam eles.

Essa preocupação com uma provável “tragédia” que poderia suceder a esse grupo de crentes, no dia 13 de maio de 1980, caso o divulgado dilúvio não viesse a acontecer, talvez tenha se dado em face da lembrança de movimentos brasileiros com base semelhante a este que acabaram por ser trucidados tendo seu fim marcado por um grande horror e violência, como o famoso caso de Canudos. No entanto, esse temor sobreveio, principalmente, devido às constantes comparações que os jornais começaram a fazer entre Roldão Mangueira e Jim Jones.

De acordo com Negrão e Consorte (1984:338),

Em inícios de outubro de 1979, logo após o incidente do lago [refere-se ao caso transcorrido às margens do açude velho] ganha o grupo divulgação de âmbito nacional. A Rede Globo de televisão em seu programa “Fantástico”, induziu a crer-se na homologia entre o grupo paraibano e o trágico movimento de Jim Jones nas Guianas. Imagens do massacre de Jonestown foram alternadas com declarações de adeptos de Roldão, que admitiam obedecê-lo em tudo que ordenasse.

Jim Jones acreditava que era Deus. Em 1978, ele conduziu seus seguidores do “Templo do Povo”, em São Francisco (USA), para uma região remota da Guiana, até um assentamento que chamaram de Jonestown. Ali se preparavam para o “grande dia”, que acreditavam, estava próximo. Em novembro daquele ano um senador americano e integrantes da mídia chegaram naquele local em uma missão de averiguação. Depois de emboscar os visitantes e assassinar o maior número deles, Jones e seus seguidores tomaram ponche com cianureto e cometeram provavelmente o maior suicídio em massa da história. Cerca de novecentas pessoas morreram. Como assevera Wilson (2002), Jones e seus seguidores acreditavam que “a morte não seria morte, ao contrário, iria libertá-los dos infortúnios da vida humana comum, elevá-los a um nível espiritual mais alto e salvá-los da ira que Deus estava prestes a verter sobre o mundo”.

Esse horrendo episódio ocorrido à cerca de um ano antes ainda se encontrava muito fresco na lembrança das pessoas naquela época, e muitos, após a reportagem feita pelo “Fantástico” temeram que um fato idêntico se repetisse em Campina Grande.

A própria família de Roldão estava receosa. Inclusive, a comissão formada por professores e rotarianos foi organizada devido a um pedido de Hilda Mangueira – filha de Roldão Mangueira. Em carta enviada ao seu sobrinho Nivaldo Mangueira, Hilda lhe expõe que fez pessoalmente esse pedido

(...) numa Reunião do Rotary no jantar lá no Restaurante da Estação (...). Para muitos fui considerada louca, mas a maioria me agradeceu e fez um grupo de rotarianos se reunir após o jantar, dirigidos por Prof. José Tavares e Dr. Wellington. No dia seguinte foram a televisão (...)⁸.

Muitos jornais passaram a publicar o temor de que Roldão Mangueira e seus liderados repetissem aquela façanha ocorrida nas Guianas: “Suicídio coletivo pode se repetir em Campina Grande”, dizia a manchete do Jornal Correio da Paraíba (13/05/1980); “Uma advogada, filha de Roldão Mangueira, nega que o pai esteja no mesmo caminho do fanatismo suicida de Jim Jones”, era um dos artigos da Revista Manchete (10/11/1979) dedicado ao movimento dos “Borboletas Azuis”; “Seita de Roldão pode levar adeptos ao suicídio”, dizia o Diário da Borborema (26/08/1979).

Destarte, a história dos “Borboletas Azuis” foi sendo colonizada e capitalizada⁹ por uma série de discursos.

Roldão Mangueira, todavia, quando da publicação desses artigos já tinha deixado claro que não seria capaz de tal ato. Em uma declaração ao Diário da Borborema (22/09/1979), afirmou:

(...) irmãos, fiquem tranquilos. Os filhos da Casa de Caridade Jesus no Horto são humildes, pacíficos e jamais pensarão em suicídio coletivo. Não oferecerão esse prazer aos pobres de espírito e coração, inimigos gratuitos desta casa, sedentos de sensacionalismo para as suas ascensões individuais.

Segundo Chartier (1990, p. 17), as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros, ao contrário, “produzem estratégias e práticas (...) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas condutas”.

Diversas vezes os adeptos do movimento acusam a mídia por divulgar e lhes atribuir atos e palavras inverídicas em relação ao movimento.

Em 22/11/1979, o Diário da Borborema traz a seguinte nota: “(...) Roldão diz que notícias sobre a seita não espelham a verdade”. De acordo com essa reportagem, em carta endereçada ao Diário da Borborema, o líder da Casa de Caridade Jesus no Horto, Roldão Mangueira de Figueiredo, assegurou que “o noticiário da imprensa de alguns dias pra cá, vem sendo plenamente injusto para com a instituição que dirige e por demais alheio à verdade dos fatos”.

Antônio de França¹⁰, indignado, por vezes desabafou suas queixas da imprensa. Conforme uma de suas entrevistas, ele teria dito que a imprensa irradiou à população um sentimento que variava de compaixão a ódio para com o movimento dos “Borboletas Azuis”. Segundo ele,

nunca existiu esse negócio de dizer que nós iríamos andar sobre as águas, nem tão pouco estávamos construindo uma arca para salvar o mundo do dilúvio. Tudo foi inventado e chegaram até a dizer que nós estávamos separando os casais... (Anuário de Campina Grande, 1982, Arquivo MHCG, p. 55).

Ainda encontramos na Revista Manchete (10/11/1979), a seguinte citação: “(...). O Jornal Diário da Borborema abriu cerrada campanha contra a seita, chamando os Borboletas Azuis de desordeiros, ladrões e enganadores do povo”.

Avaliando o movimento dos “Borboletas Azuis” depois de quase trinta anos da data estabelecida para o dilúvio, Nivaldo Mangueira, neto de Roldão Mangueira, nos diz que “imprensa começou a pegar no pé na questão do sensacionalismo”. Numa pequena carta endereçada a esta pesquisadora (30/03/2005), quando solicitou ter acesso ao arquivo jornalístico que ele possuía sobre o movimento dos “Borboletas Azuis”,

Nivaldo gentilmente lhe cedeu os documentos que possuía e os dedicou. Nesta dedicatória, entre outras coisas, escreveu que, para ele, “a história é quase sempre escrita pela ótica dos vencedores. E os vencedores no episódio ‘Borboletas Azuis’ foram os detentores dos meios de comunicação de massa”. Hilda Manguiera, filha de Roldão – na carta endereçada a seu sobrinho, Nivaldo, também nos diz que a imagem e ideologia de Roldão “foram completamente distorcidas pelo sensacionalismo da imprensa”.

Ou seja, ao que tudo indica os meios de comunicação de massa procuraram legitimar um projeto ou um modelo de conduta baseado nos seus princípios, nas suas escolhas, nas suas próprias convicções e, assim, instituir como molde para os “Borboletas Azuis”. É neste sentido que as lutas de representações, conforme Chartier (1990, p. 17), têm tanta importância quanto às lutas econômicas. Elas são importantes para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.

Assim, a partir das muitas narrativas, entre elas, e com um peso muito forte, a narrativa jornalística, principalmente a partir do acionamento da lembrança do caso ocorrido nas Guianas, a sociedade foi agenciando elementos de outras experiências e construindo, paulatinamente, através da “arte de dizer o outro”¹¹ o movimento dos “Borboletas Azuis”. Desta forma, podemos considerar que a história desse movimento não se constituiu por eles sozinhos, pois, como nos diz Certeau “uma teoria do relato é indissociável de uma teoria das práticas”¹².

Podemos dizer que no caso dos “Borboletas Azuis”, os relatos orais e as memórias não serviram de meras ilustrações onde os documentos escritos, sobretudo as matérias dos jornais, o corroborariam. Neste estudo de caso, a partir de uma confrontação entre os documentos escritos e os relatos orais encontramos contradições. Lutas. Relatos que os membros do movimento juravam não ter acontecido. Juravam não ter anunciado. Mas que, no entanto, a eles foram imputados pela mídia.

Deste modo, acreditamos que cada tipo de fonte deve ter seu tratamento adequado e quando possível é importante a confrontação entre as mesmas. Talvez possamos detectar, como no caso estudado, relações de poder existentes.

¹Nome do templo onde os “Borboletas Azuis” se reúnem para a realização de suas práticas e rituais religiosos.

²Por bricolagem entendemos a utilização “outra” de elementos postos num sistema através de mil “astúcias” dos sujeitos (CERTEAU, 2002).

³Vestiam-se com grandes roupões azuis e brancos e de pés descalços em imitação aos apóstolos de Cristo.

⁴Entrevista realizada em 12/06/2005 com Willian Silva ex-membro do movimento

⁵W. Silva é ex-adepto do movimento dos “Borboletas Azuis”.

⁶Designativo dado aos membros do Rotary Club.

⁷Jornal Diário da Borborema 08/05/1980.

⁸Carta de Hilda Mangueira a Nivaldo. O documento não está datado, mas tudo indica que esse jantar se realizou no dia 07 de maio, uma vez que essa comissão se reuniu no dia 08 do corrente mês.

⁹A noção de capitalizar é usada por Certeau (2002) para dizer que as táticas dos consumidores culturais não se prendem no tempo ou ao escrito, pois estão ligadas à uma inventividade. Nesse caso, usei esta noção exatamente para mostrar que os meios de comunicação tentaram capitalizar/enquadrar as práticas e crenças dos “Borboletas Azuis”.

¹⁰Adepto do movimento e sucessor de Roldão Mangueira na liderança do movimento quando da morte deste.

¹¹CERTEAU. 2002. Op. cit.

¹²Idem. Ibidem, p. 153.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 8º edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HALL, Michel M. “História Oral: os riscos da inocência”. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do patrimônio Histórico, 1992.

NEGRÃO, Lísias Nogueira & CONSORTE, Josildeth Gomes. Os “Borboletas Azuis” de Campina Grande: um movimento messiânico malgrado. In: **O Messianismo no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: FFLCH-USP/CER, 1984, p. 303-428 (Coleção Religião e Sociedade Brasileira).

WILSON, David A. **A História do Futuro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.